

Polyphōnos



Polyphōnos, termo grego que designa a coexistência de muitos sons ou vozes, é um *ensemble* vocal e instrumental sediado em Lisboa. Criado pela soprano Raquel Alão, a direcção artística encontra-se a cargo do barítono e musicólogo José Bruto da Costa.

O repertório fundamental deste agrupamento centra-se na música portuguesa e ibérica dos séculos XV a XVIII, sendo complementado por composições contemporâneas de compositores portugueses.

A formação vocal e instrumental é variável e depende dos programas apresentados.

Raquel Alão

Soprano



Estudou Canto na Escola de Música do Conservatório Nacional, formando-se sob a orientação de Filomena Amaro. Participou, em 2007, no Concurso Nacional de Canto Luísa Todi, sendo galardoadada com o 3.º Prémio. Coralista no Coro do Teatro Nacional de São Carlos desde 2007. Foi solista na *Missa em Sol*, de Caldara; *Missa Brevis em Fá M*, *Missa Brevis em Sol M*, *Spatzen-Messe* e *Benedictus Sit Deus, Exultate, Jubilate*, de Mozart; *In Nativitatem Canticum*, de Charpentier; *Christus Natus Est*, de Du Mont; *Lauda Sion*, de Mendelssohn; *Nulla in Mundo Pax Sincera*, de Vivaldi; *A Sea Symphony*, de Williams; e *Carmina Burana*, de Orff. Em 2005, interpretou os *Notturmi* a três vozes e três *corni di bassetto*, de Mozart, com o Trio Stadler. Gravou para Mezzo, em 2008, *Gloria*, de Vivaldi, e a cantata BWV 63, *Christen, ätzet diesen Tag*. Em 2012, iniciou as suas participações no Festival Terras sem Sombra, tendo sido Giuditta na estreia moderna da oratória *Betulia Liberata*, de Gaetano Pugnani (sob a direcção de Donato Renzetti); cantou outrossim *Stabat Mater*, de Pergolesi, em 2013 (César Viana); e, em 2014, *Ein Deutches Requiem*, de Brahms (Giovanni Andreoli). Na ópera, interpretou Amor, em *Orfeo ed Euridice*, de Glück; Flaminia, em *Il Mondo della Luna*, de Avondano; Euridice, em *La Descente d'Orphée aux Enfers*, de Charpentier. Em 2008, foi a Königin der Nacht em *Die Zauberflöte*, no Teatro Nacional de São Carlos. Durante a temporada de 2009-2010 da mesma instituição, encarnou Belinda (*Dido and Æneas*, de Purcell); Berenice (*L'Occasione Fa il Ladro*, de Rossini); Fada Azul (*La Bella Addormentata nel Bosco*, de Respighi); e Jovem Suicida/Ofélia (*Os Mortos Viajam de Metro*, de Ribeiro), no Teatro Municipal de São Luiz. Em 2011, foi novamente Königin der Nacht, agora no Seefestspiele Berlin, numa encenação de Katharina Talbach, sob a direcção de Judith Kubitz, com a Kammerakademie Potsdam e o Neuer Kammerchor Potsdam. Dedicou-se paralelamente à música antiga. Em 2004, realizou concertos no território nacional e esteve também no Rio de Janeiro, em Juiz de Fora e em Tiradentes, por ocasião do Festival de Música Colonial e Música Antiga. Em 2006, participou no Festival de Musique du Haut-Jura e, em 2012, apresentou-se com o organista Daniel Oliveira no Festival Internacional de Música de Ourense.

Carolina Figueiredo

Meio-soprano



Formou-se em Canto, na Escola de Música do Conservatório Nacional de Lisboa, em 2005. Trabalha assiduamente com Manuela de Sá e, em *masterclasses*, com Susan Waters e Lucia Mazzaria.

Das apresentações concertísticas, destacam-se *Messiah*, de Haendel; *Te Deum*, de Charpentier; *Johannes-Passion*, de Bach; *Magnificat*, de Vivaldi; *Missa em Dó Maior*, de Beethoven; *Manfred*, de Schumann; *Les Béatitudes*, de Franck; *Il Tramonto*, de Respighi; *Ein Sommernachtstraum*, de Mendelssohn. Quanto a obras de compositores portugueses, participou nas estreias modernas e gravações, entre outros, de *Te Deum*, de Lima; *Missa 1842*, de Bomtempo; *Te Deum*, de Sousa Carvalho. Trabalhou sob a direcção de Michael Corboz, Cesário Costa, João Paulo Santos, Massimo Mazzeo, Pedro Neves, Pedro Carneiro, Jorge Matta e Paulo Lourenço. Apresenta-se regularmente a solo, acompanhada por Olga Prats, João Paulo Santos, José Manuel Brandão, Anna Tomasik e João Vaz, com destaque para a Casa de Portugal em Paris (2016); a Temporada de Música de Câmara da Orquestra Metropolitana (igualmente em 2016); o Festival de Sintra (2015); os Serões Musicais do Palácio da Pena (2015); e os Dias da Música do Centro Cultural de Belém (2014). É protagonista, desde 2013, em produções de música contemporânea, com obras de Carlos Marecos (*Dor e Amor*) e Jorge Salgueiro (*Vida de um Vinho, Eros*), tendo estreado e gravado versões das suas obras para agrupamento de câmara e para orquestra. Na área da ópera, integrou o elenco de *Dialogues des Carmélites*, de Poulenc (Mère Jeanne); *Madama Butterfly*, de Puccini (Kate Pinkerton); *Ester*, de Leal Moreira (Assuero); *El Gato Montés*, de Penella (Loliya/Pastorcillo); *Il Viaggio a Reims*, de Rossini (Modestina); *L'Orfeo*, de Monteverdi (Ninfa); *Lindane e Dalmiro*, de Cordeiro da Silva (Baronesa); *Bastien et Bastienne*, de Mozart (Bastien); *Turandot*, de Busoni (Vorsangerinnen); *Peer Gynt*, de Grieg (Terceira Pastora); e *Faust*, de Gounod (Marthe). Sob a direcção de João Paulo Santos, Domenico Longo, Laurence Foster, Martin André, Cristóbal Soler, Yi-Chen Lin, Enrico Onofri, Jan Wierzba e Jorge Matta, teve a oportunidade de trabalhar com encenadores como Luís Miguel Cintra, Maxine Braham, Emilio Sagi, Luca Aprea, José Carlos Plaza e Marie Mignot.

Marco Alves dos Santos

Tenor



Licenciado em Canto pela Guildhall School of Music and Drama, iniciou a carreira como solista em 2003. Apresentou-se em Portugal, Espanha, França, Itália, Reino Unido e Alemanha, dando vida a Tamino (*Zauberflöte*, de Mozart), Mr. Owen (*Postcard from Morocco*, de Argento), Gastone (*La Traviata*, de Verdi), Tristan (*Le Vin Herbé*, de Martin), Leandro (*La Spinalba*, de Almeida), Orphée (*Descente d'Orphée aux Enfers*, de Charpentier), Ernesto (*Don Pasquale*, de Donizetti), Anthony (*Sweeney Todd*, de Sondheim), Nathanael (*Les Contes d'Hoffmann*, de Offenbach), Duca di Mantova (*Rigoletto*, de Verdi), Die Hexe (*Hänsel und Gretel*, de Humperdinck), Prunier (*La Rondine*, de Puccini), Kornélis (*La Princesse Jaune*, de Saint-Saëns), Pierre (*The Wandering Scholar*, de Holst), The Governor/Vanderdendur/Ragotski (*Candide*, de Bernstein) e Ferrando (*Così Fan Tutte*, de Mozart). Em 2015-2016, foi Oddio (*Armida*, de Mysliveček), Malcolm (*Macbeth*, de Verdi), Yamadori (*Madame Butterfly*, de Puccini), Sancho (*O Cavaleiro das Mãos Irresistíveis*, de Ruy Coelho e Daniel Moreira), Comte Barigoulle (*Cendrillon*, de Viardot) e Conte Almaviva (*Il Barbiere di Siviglia*, de Rossini), bem como o Evangelista na *Oratórias de Natal, Páscoa e Ascensão* (Bach).

Na interpretação de repertório sinfónico, destacam-se os concertos com a Orquestra Sinfónica Portuguesa, Orquestra Gulbenkian, Orquestra Metropolitana de Lisboa, Remix Ensemble, Orquestra Clássica do Sul, Orquestra Filarmonia das Beiras, Orquestra Clássica de Espinho, Orquestra do Norte, Orquestra Sinfónica Juvenil, Orquestra Barroca Divino Sospiro, Movimento Patrimonial da Música Portuguesa e Ginásio Ópera. *Interpretou o papel de Boto* na estreia nacional de *Oneama*, de João Guilherme Ripper, no Cineteatro Municipal de Serpa, por ocasião da 12.ª edição do Festival Terras sem Sombra (2016), de que é presença assídua.

Actua com regularidade, entre outras salas, no Teatro Nacional de São Carlos, no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian, no Centro Cultural de Belém e no Teatro Aberto, de Lisboa, na Casa da Música e no Coliseu, de Porto, e no Teatro das Figuras, de Faro.

Tiago Mota

Baixo



Estudou no Conservatório Nacional de Lisboa, formando-se em Canto (2007). Neste mesmo ano iniciou o aperfeiçoamento dos conhecimentos de música antiga na Schola Cantorum Basiliensis, com Dominique Vellard, obtendo, em 2012, os mestrados em Canto e em Ensemble Vocal (AVES). Teve igualmente a oportunidade de trabalhar com Gerd Türk, Evelyn Tubb e Anthony Rooley, incluindo, na gravação em CD de *The Passions*, uma oratória de William Hayes.

Possui vasta experiência nas áreas de música antiga e contemporânea, tendo actuado, entre outros, com o Coro Gulbenkian e o Ensemble Officium. Colabora actualmente com o Huelgas Ensemble; o Choeur de Chambre de Namur, com o qual gravou, *v.g.*, *Requiem*, de Mozart, e *Vespro della B. M. Vergine*, de Monteverdi, sob a direcção de Leonardo Alarcón; o Coro della Radiosvizzera, sob a direcção de Diego Fasolis; e Basler Madrigalisten. É membro fundador de Armonia degli Affetti (Jeunes Ensembles de Ambronay em 2014), não apenas como cantor solista e de *ensemble*, mas também pesquisando e editando peças dos séculos XVII e XVIII.

Nos anos de 2006 e 2007, desempenhou o papel principal de Anão em *A Floresta*, de Carrapatoso. Em 2012, participou como solista na ópera *The Fairy Queen*, de Purcell, no Theater Basel, e, em 2014, foi solista na ópera *Shiva for Anne*, a terceira parte de uma trilogia composta por Mela Meierhans e apresentada no MaerzMusik, de Berlim, e no Luzern Festival.

José Bruto da Costa

Direcção musical



Concluiu o curso geral de Canto na classe de Filomena Amaro, na Escola de Música do Conservatório Nacional, tendo ainda estudado Composição com Eurico Carrapatoso e Música de Câmara com Armando Vidal, Gabriela Canavilhas, José Manuel Brandão e Rui Pinheiro. Participou em *masterclasses* de Elisabete Matos, Jill Feldman, Liliane Bizinech, Peter Harrison e Tom Krause.

Licenciou-se no Departamento de Ciências Musicais da Universidade Nova de Lisboa. Exerceu funções de docência no Instituto Superior de Educação e Ciências, na Escola de Música do Conservatório Nacional de Lisboa e na Academia de Música de Santa Cecília. É colaborador do Serviço de Música da Fundação Calouste Gulbenkian.

Fundou, em 1998, Opus 21, de que é director artístico, bem como de Lisbon Consort Players. Apresentou com estes, em primeira audição moderna em Portugal, *Magnificat*, de Durante, *Responsórios Fúnebres*, de Castro Lobo, e a *Missa em Ré maior Hofkapellmesse*, de Albrechtsberger. Com os mesmos agrupamentos, dirigiu diversas obras, *v.g.*, *Motetes*, de Bach, *Missa a Oito Vozes*, de Rodrigues Esteves, *Messe Basse* e *Requiem*, de Fauré, *Matinas de Natal*, de Nunes Garcia, *Gloria*, de Händel, *Litaniæ Lauretane* e *Requiem*, de Mozart, *Stabat Mater*, de Scarlatti, *Responsórios de São Vicente*, de António Teixeira, e *Gloria*, de Vivaldi, bem como diversa polifonia portuguesa dos séculos XVI-XVIII.

Integra o Coro Gulbenkian desde 1998. Foi elemento fundador do Vocal Officium e cantor residente de Banchetto Musicale. Colabora, regularmente, com Voces Cælestes.